



**O CULTIVO DA PALAVRA E A SIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO:
UMA PROPOSTA DE LEITURA DO POEMA ORAÇÃO DO MILHO, DE CORA
CORALINA**

**THE CULTIVATION OF THE WORD AND THE MEANING OF SPACE:
A PROPOSAL TO READ THE POEM PRAYER OF CORN, BY CORA CORALINA**

**LA CULTURE DU MOT ET LE SENS DE L'ESPACE:
UNE PROPOSITION DE LIRE LE POÈME PRIÈRE DE MAÏS, PAR CORA CORALINA**

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2019.i3.p.25-39

Eguimar Felício Chaveiro

Professor do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA-UFG)
Coordenador do Grupo Espaço, Sujeito e Existência da (UFG)
E-mail: eguimar@hotmail.com

Ricardo Júnior de Assis Fernandes Gonçalves

Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Pesquisador do Grupo Espaço, Sujeito e Existência (UFG)
Pesquisador do Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS)
Universidade Federal de Juiz de fora (UFJF)
E-mail: ricardo.goncalves@ueg.br

Angelita Pereira de Lima

Professora da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC-UFG)
Pesquisadora do Grupo Espaço, Sujeito e Existência (UFG)
E-mail: angelitalimaufg@gmail.com

Juliana Ramalho Barros

Professora do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA-UFG)
E-mail: juliana@ufg.br

RESUMO:

Cora Coralina, poetisa goiana, de vasto reconhecimento nacional na atualidade, produziu uma obra que, vinculada às circunstâncias, aos episódios e ao papel histórico de sua cidade de origem – a cidade de Goiás – traduz-se numa fonte consistente à reflexão entre espaço, literatura e existência. Especificamente no poema Oração do milho, tanto os gradientes composicionais, como os estéticos e políticos, são demonstrações de sua sensibilidade e de sua coragem. O seu milho reza – e grita e denuncia. A leitura do poema, além disso, descortina um notável entrelaçamento de escalas. O debate entre o milho e o trigo, ponto central da espessura criadora do poema, e a declaração do valor do milho no mundo do trabalho e da alimentação dos camponeses no período da troca simples, entrelaça, também, vida, espaço e representação. Pode-se, então, interrogar: como o milho, conteúdo de uma oração, simboliza a vida concreta dos marginalizados de Goiás? O vasto repertório de diálogos com professores e pesquisadores que efetivam trabalhos no campo da geografia interseccionada com literatura e as mãos dadas com várias redes, oferecem a seiva teórica e pedagógica para a execução desse trabalho.

Palavras-chave: Geografia; Literatura; Espaço; Existência.

ABSTRACT:

Cora Coralina, a poet from the state of Goiás, widely acknowledged nationally nowadays, produced a work that, linked to the circumstances, to episodes and the historic role of her city of origin - the City of Goiás - translates into a consistent source for reflection between space, literature and existence. Specifically in the poem Prayer of corn, both the compositional gradients, such as the esthetic and politicians, are demonstrations of her sensitivity and her courage. Her corn prays - and shouts and denounces. Moreover, the reading of the poem unveils a remarkable interweaving of scales. The debate between maize and wheat, the central point of the creative thickness of the poem, and the declaration of the value of corn in the world of work and the supply of peasants in the period of simple exchange, twine, also, life, space and representation. One can then ask: how the corn, contents of a prayer, symbolizes the concrete life of the marginalized people in Goiás? The wide repertory of dialogs with teachers and researchers who intentionally work in the field of geography that intersects with literature, and hands with multiple networks, offer the theoretical and pedagogical sap for the implementation of this work.

Keywords: Geography; Literature; Space; Existence.

RÉSUMÉ:

Cora Coralina, une poétesse de l'État de Goiás, jouissant d'une large reconnaissance nationale, a produit une œuvre qui, liée aux circonstances, aux épisodes et au rôle historique de sa ville d'origine - la ville de Goiás - se traduit par une source de réflexion cohérente entre l'espace, la littérature et l'existence. Spécifiquement dans le poème prière de maïs, les gradients de composition, esthétiques et politiques sont des démonstrations de sa sensibilité et de son courage. Votre maïs prie - et crie et dénonce. De plus, la lecture du poème révèle un remarquable entrelacement d'échelles. Le débat entre le maïs et le blé, élément central de l'épaisseur créative du poème, et la déclaration de la valeur du maïs dans le monde du travail et de l'alimentation paysanne dans la période de simple échange, entrelace, également, vie, espace et représentation. On peut alors se demander: comment le maïs, contenu d'une prière, symbolise-t-il la vie concrète des marginalisés à Goiás? Le vaste répertoire de dialogues avec des professeurs et des chercheurs qui travaillent dans le domaine de la géographie, entrecroisés avec la littérature, et se tenant par la main avec divers réseaux, offrent la sève théorique et pédagogique nécessaire à la réalisation de ce travail.

Mots-clés: Géographie; Littérature; Espace; Existence.

1 INTRODUÇÃO

São vários os motivos, as justificativas e as contribuições pedagógicas e científicas originadas da relação entre geografia e literatura. Aliás, mais que uma relação, poder-se-ia dizer que o texto literário e o texto geográfico, portanto arte e ciência, ao se encontrarem produzem um novo dispositivo da interpretação, da linguagem e da significação política do saber.

Autores contemporâneos como Almeida (2003), Amorim Filho (2006), Suzuki (2008), Marandola Jr. e Gratão (2010), Chaveiro (2015) e Gonçalves (2018), ao desenvolverem pesquisas sobre a interlocução entre geografia e literatura asseguram que é da tradição clássica da geografia a incursão no texto literário para o procedimento de construção do denominado conhecimento geográfico. Com efeito, quando o geógrafo lê literatura e quando os literatos inventam suas obras ficcionais, há em ambos a mediação do espaço. A interseção desses dois campos narrativos do mundo, a geografia e a literatura, reforça, a partir da mediação do espaço, a leitura da realidade, incluindo nessa leitura os aportes libertos da imaginação. Como se tem dito, o geógrafo recoloca

seu prisma de leitura da realidade, tendo como fonte a literatura, não para adornar o texto, mas, para gerar uma profundidade em sua análise.

É fácil aos acostumados com uma inscrição positivista, racionalista e instrumental dos critérios de cientificidade olharem a intersecção entre geografia e literatura apenas pela via de uma ornamentalidade ou de um esteticismo performático da ciência. Podem considerar, desavisados do acúmulo de reflexão e produção no campo, que o texto literário apenas ornamenta o discurso científico e, pela via da ornamentação, faz o pensamento eximir-se do real. Em muitos casos, esse estranhamento decorre de uma alienação ao mundo funcional, e por essa alienação tudo que não é estratégico e financeiro é reconhecido como firula.

Ao contrário dessa postura, o que se quer quando se propõe interseccionalizar geografia e literatura é recriar os sentidos humanos da ciência, incluir na significação pedagógica e científica a sensibilidade; a ação da imaginação; a capacidade de superar o adestramento linguístico e laboratorial dos modos instrumentais da ciência; abrir o campo discursivo às escalas da ação, da existência; dramatizar o próprio olhar, torná-lo vivo e atento à todas experiências humanas no espaço; construir uma crítica invocada pelo critério estético. Por isso, convém repetir: o geógrafo lê literatura não para eximir-se do mundo, mas para adentrá-lo. Não foge da compreensão e da interpretação, alarga-os.

O artigo propõe uma leitura do poema *Oração do milho*, da poetisa goiana Cora Coralina, com o intuito de demonstrar a aglutinação entre crítica, imagem, estética e força da linguagem. Os vários trabalhos já desenvolvidos nesse campo; a interlocução com autores e professores da Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura (ENTREMEIO) e do grupo Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERART), a efetiva pulsão pedagógica gerada no interior do grupo de pesquisa e extensão Espaço, Sujeito e Existência; a interlocução direta e parceira com professores de sociosemiótica, da Universidade Federal do Tocantins – Campus Araguaina; e com professores que trabalham a narrativa literária por meio do jornalismo literário, da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), estabelecem o arco dialógico que sustenta as reflexões que serão apresentadas.

Uma questão-chave permeia e governa as reflexões: o poema *Oração do milho*, de Cora Coralina, pode facultar uma leitura multiescalar e multitemática de poderes constituídos numa etapa histórica de Goiás?



2 O MUNDO DE CORA CORALINA

A relação entre biografia e estética ou entre a experiência de vida de um literato e a sua obra, como quer Paz (1984) e Bosi (1991), é uma matéria aberta, necessária de ser refletida e relativamente misteriosa. Imagens infantis, episódios singulares, história familiar, religiosa, dramas pessoais, sonhos – e um curso infinito de signos apreendidos na ordem do viver – se juntam ao tempo, ao espaço, à estrutura social e histórica, à cultura. E nessa junção oferecem ao literato ou a qualquer outro tipo de artista, as condições de criação. Mas no processo criativo o íntimo se coaduna com o além; o que é sentido, vivenciado e experienciado pode transbordar, pois a imaginação recolhe a vida e a transfigura. Transfigura a vida para vê-la melhor.

Cora Coralina, Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás (GO). O seu primeiro livro de reconhecimento nacional - Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais - foi publicado em 1965, quando já tinha 75 anos de idade. A sua vida simples no interior de Goiás e a sua sensibilidade arguta com os episódios e histórias banais e corriqueiras do interior, lhe renderam uma ausência positiva: Cora esteve fora dos modismos literários hegemônicos. Essa ausência é página segura de sua originalidade.

Conforme Marques (1978, p. 1),

Para a poetisa goiana, Cora Coralina, existir é uma maneira de resistir, coexistir, transistir. Sua vitalidade, ela suga-a de um profundo enraizamento tribal e telúrico, colorido por uma desafetação e verve de intenção que eu diria séria, tal a postura pedagógica que inconscientemente assume, de Mestra de todos nós, de propedeuta de vida. Livre, turbulenta, receptiva, cultivadamente rude, ergue-se das matrizes do seu belo livro Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, como matriarca provida de tenazes liames carnis e espirituais com as castas de sua gente.

Embora Cora Coralina tenha publicado seus livros de maneira tardia, a escrita literária sempre esteve presente em sua vida. A escrita em verso ou prosa foi matéria criativa de sua percepção da realidade concreta do sertão goiano. Já na adolescência havia construído o hábito rotineiro de narrar episódios de sua vida pessoal e da cidade de Goiás. Contudo, o seu reconhecimento teve a contribuição de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). O poeta mineiro já consagrado, na década de 1980 lhe escrevera uma carta publicada no jornal do Brasil. Ao referir-se sobre o livro Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha (1983), Drummond (1983, p. 1), escrevera,

Minha querida amiga Cora Coralina:
Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de nós

todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [...].
 Não lhe escrevi antes, agradecendo a dádiva, porque andei malacafento
 e me submeti a uma cirurgia. Mas agora, já recuperado, estou em
 condições de dizer, com alegria justa: Obrigado, minha amiga!
 Obrigado, também, pelas lindas, tocantes palavras que escreveu para
 mim e que guardarei na memória do coração.
 O beijo e o carinho do seu.

Se as palavras do poeta mineiro lançavam a Cora como “patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia”, a matéria prima de sua poesia originava dos costumes da gente de Goiás; dos sujeitos que com ela convivem; das pedras, dos becos, dos muros, das avencas; e também a vida rural de Goiás no período da troca simples; incluía também o trabalho, as crenças, os sonhos das moças e os seus medos. Em várias situações poéticas o tom crítico de sua poesia, tecida com simplicidade, mostrava a força de um destemor aos preconceitos. No poema “Mulher da vida”, isso fica registrado:

Mulher da Vida,
 Minha irmã.
 De todos os tempos.
 De todos os povos.
 De todas as latitudes.
 Ela vem do fundo imemorial das idades
 e carrega a carga pesada
 dos mais torpes sinônimos,
 apelidos e ápodos:
 Mulher da zona,
 Mulher da rua,
 Mulher perdida,
 Mulher à toa.
 Mulher da vida,
 Minha irmã.

Com um versejamento simples e cônica da significação poética, Cora Coralina elabora os seus versos de maneira a ser compreendida pelo leitor; reconhece que a sua poesia, ao tratar de assuntos circunstanciais de um tempo, possui um valor histórico. Ou seja, é uma poesia na qual se registra a memória da relação de um povo com o espaço. Araújo e Moraes (2010, p. 349) dizem que

Seu estilo pessoal, sua maneira de escrever, cujo teor autobiográfico mescla ficção e realidade, sem comprometer sua escrita para uma descrição puramente historiográfica, revela a natureza dos conteúdos relatados de forma a insinuar mais do que descreve. Sua trajetória, ela ironicamente define: “é uma estória ou meias confissões.



O realismo poético de Cora Coralina, como em vários outros literatos nacionais, não dispensou a leitura atenta. O seu gosto por ler se juntava ao gosto de viver a vida pacata de uma doceira do interior, o mesmo gosto de conversar com as pessoas, andar pela cidade, fazer anotações dos causos ouvidos. O fato de a cidade de Goiás ter sido um espaço de episódios cruciais na história do território goiano, incluindo a escravidão, o processo colonial, a extinção de povos indígenas, a violência praticada por coronéis e latifundiários. Ademais, transformada na primeira capital de Goiás, era nessa cidade que chegavam as novidades da metrópole, jornais, livros, ensinos de línguas estrangeiras e também as possibilidades de frequentar museus e bibliotecas. Desse modo, essa sociedade contraditória sustentou a poesia de Cora com dois móveis substanciais da literatura: a realidade e a cultura universal. O poema *Oração do milho* revela essas características.

3 ORAÇÃO DO MILHO – UMA ORAÇÃO CRÍTICA

Que leiamos com dedicada atenção o poema de Cora.

Senhor, nada valho.
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos
 e das lavouras pobres.
 Meu grão, perdido por acaso,
 nasce e cresce na terra descuidada.
 Ponho folhas e haste, e, se me ajudardes, Senhor,
 mesmo planta de acaso, solitária,
 dou espigas e devolvo em muitos grãos
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.
 Sou a planta primária da lavoura.
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo,
 de mim não se faz o pão alvo universal.
 O justo não me consagrou Pão de Vida
 nem lugar me foi dado nos altares.
 Sou apenas o alimento forte e substancial
 dos que trabalham a terra,
 alimento de rústicos e animais de jugo.
 Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
 coroados de rosas e de espigas,
 e os hebreus iam em longas caravanas
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
 e Jesus abençoava os trigais maduros,
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.
 Fui o angu pesado e constante do escravo
 na exaustão do eito.
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
 Sou a farinha econômica do proprietário, sou a polenta
 do imigrante e a amiga dos que começam a vida



em terra estranha.
 Alimento de porcos e do triste mu de carga,
 o que me planta não levanta comércio,
 nem vantagem dinheiro.
 Sou apenas a fartura generosa
 e despreocupada dos paióis.
 Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.
 Sou o canto festivo dos galos
 na glória do dia que amanhece.
 Sou o cacarejo alegre das poedeiras
 à volta dos ninhos.
 Sou a pobreza vegetal agradecida a vós,
 Senhor,
 que me fizestes necessário e humilde.
 Sou o milho!

Como se vê nos versos, nas imagens e nas estrofes do poema, de maneira simples e encadeada, a oração do milho é uma forma de ler o espaço. O milho, com voz narrativa própria, sem aceitar ser visto por um olhar de comoção, diz o próprio espaço de onde originou-se: a ameríndia.

A conversa com Deus, em tom de oração torna-se uma crítica ao cristianismo ou à representação do cristianismo como religiosidade do colonizador. Mas não é uma crítica por fora, pois o próprio milho ora. O modo irônico de pautar a injustiça – “eu não pertencço ao reino dos Justos” – aparece como uma crítica à cultura cristã ocidental e a um sistema de valores em que o trigo é o emblema simbólico.

No tom irônico da oração combativa, subliminarmente critica-se o processo colonizador que, além de minérios, solo, corpos, tratou de se empenhar em desfazer dos gostos, dos modos de falar, inclusive da cultura alimentar dos lugares colonizados. Bosi (1991), no livro *A Dialética da Colonização*, explica o processo denunciando uma “barbarização ecológica”, asseverado pela pilhagem de territórios, sujeitos e suas manifestações culturais. Ainda, expressão contínua do avanço das fronteiras de exploração de terras, águas e florestas por megaempreendimentos capitalistas, resultando na expropriação compulsórias de populações originárias.

Assim, ao referir-se à colonização, Bosi (1991) diz que

A barbarização ecológica e populacional acompanhou as marchas colonizadoras entre nós, tanto na zona canavieira quanto no sertão bandeirante; daí as queimadas, a morte, a preação dos nativos. Diz Gilberto Freyre, insuspeito no caso porque apologista da colonização portuguesa no Brasil e no mundo: “o açúcar eliminou o índio”. Hoje poderíamos dizer: o gado expulsa o posseiro; a soja, o sitiante; a cana, o morador. (BOSI, 1991, p. 22).

A voz combatente do Milho de Cora ao incidir sobre a colonização, demonstra que o processo de domínio ocorreu junto à “barbarização ecológica”, efetivando uma violência no regime



de crença; nos modos de vida; e, inclusive, nos esquemas de valores atribuídos aos símbolos religiosos. O fato da hóstia consagrada ser feita de trigo e representar a crença do colonizador, portanto um sinal hierárquico do “pão alvo universal”, em contraposição, o milho, planta do acaso, fecundado no milagre da casualidade, alimento dos rústicos, inferiorizado, silenciado e apagado do *status* da representação dominante, ao invés de um símbolo de um Deus acima da vida, esteve presente entre os marginalizados.

O Milho, ao falar em nome do marginalizado, isto é, do camponês, do imigrante, do escravo, do operário e do sitiante, é também uma marca de classe. Fora dos esquemas de domínio do Estado, das terras, dos minérios – artefatos do colonizador e de seus aliados -, sendo efetivo no trabalho, na alimentação, no modo de vida de quem é dominado e dominado se constitui para o dominador, numa labuta de resistência e de empenho constrói uma vida fora dos altares, dos palácios, das insígnias de comando. Não é insígnia do altar, mas valor do chão.

A oração do milho ao invés de pedir salvação e milagre a um Deus distante, se apresenta como salvação e como milagre concreto: a vida do trabalhador. No enredo da vida concreta, alimento substancial, mediante o qual se produz a broa, a pamonha, a polenta, o angu, o milho transpõe o corpo humano e torna-se substancial também na criação do porco, da galinha, do burro. De maneira que trabalho e alimento numa comunhão possível de um mundo simples, operam as bases do que o escritor Carmo Bernardes (1979) chama vida terrosa; ou o que temos denominado de “escrita dos calos”.

Sem forças produtivas avançadas, plantado em pequenas lavouras mantidas no esforço de todos os membros da família, dependentes do benefício da chuva, as pequenas lavouras de milho esclarecem o papel do espaço como dimensão da existência. A dimensão existencial do espaço e a dimensão espacial da existência se efetivam numa condição histórica determinada: o milho de Cora emana do período da troca simples, ou seja, do que se denomina de tradição rural de Goiás antes da incidência da modernização capitalista e da troca acumulada.

Refere-se, assim, ao que Chaveiro e Borges (2015) denominam de fazenda-roça goiana:

Mais que uma sociabilidade, plataforma de poder, funções econômicas, organização da vida, modos de morar, de vestir, de cantar, falar, ao envolver o tema no lume da reflexão geográfica há que ultrapassar o substrato da paisagem. Desta feita, ao referir-se sobre a Fazenda-roça goiana não faz menção apenas a uma unidade empírica, que tem representação efetiva nas paisagens dos séculos XVIII, XIX e se estende até o século XX com força agenciadora até o período atual. Trata-se de uma construção histórico-espacial que remonta ao modo como o território goiano se institucionalizou (CHAVEIRO; BORGES, 2015, p. 442).

Nesse lance histórico-espacial o trabalho simples, a alimentação simples e todo um efetivo cultural e de sociabilidades simples correspondem à troca simples. Essa fase inclui uma espacialidade marcada pelo trabalho manual; pela moradia de casa de pau-a-pique; pelas pequenas distâncias; pelo cristianismo de roça¹ e por constituir o enraizamento cultural do sujeito goiano cristalizado na ruralidade e numa ordem simbólica de domínio da oligarquia patronal apoiada no controle de terras e da violência contra o camponês. Cora é deste mundo; deste mundo retira as imagens, os episódios, as motivações para, nele, transbordá-lo; arraigada nele, universaliza-o.

De acordo com Marques (1978, p. 3),

Beiradeando mais o lado da realidade do que o da linguagem, ela ensaia preferentemente a polpa de suas vivências, ou melhor dito, os dados da sua circunstância concreta. Se não inova, repoeiza – e com que convincentes poderes! – dilatados espaços brasileiros, sem deixar, por isso, de restabelecer o tráfego com a universalidade do humano.

A relação entre forma e conteúdo, assim como entre experiência e estética, em se tratando dessa arte antiga, rica e complexa, a poesia, como se sabe, emerge das profundezas do poeta. Nem sempre o poeta possui consciência de que matéria vital a sua poesia é feita. Muitos poemas são feitos de assombros infantis, de sonhos, imaginações ou de experiências difíceis e dramáticas.

Interessa-nos, na leitura do poema *Oração do milho*, enxergar, no processo de composição do poema, os móveis estéticos e de conteúdos com os quais o poema é edificado. A voz narrativa do milho, antepondo-se e bradando contra o silenciamento e o preconceito a um povo e a um continente, necessita de um apoio de conhecimento da narrativa bíblica. A narrativa de eventos bíblicos em versos simultâneos cumpre essa operação: “Quando os hebreus iam em longas caravanas”; “Buscar na terra do Egito o trigo dos faraós”; “Quando Rute respigava cantando nas searas de Booz”; “E Jesus abençoava os trigais maduros”, é triunfalmente rebatido: “Eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias”.

No plano da composição, ao começar o poema tomando a voz irônica que “nada valho” e terminando o texto agradecendo ao Senhor dizendo que é a “pobreza vegetal”, mas é “necessário e humilde”, o milho explode-se metaforicamente: passa a ser o povo de um continente; e os traços identitários desse povo: o sitiante, o imigrante, o proletário. De maneira que espaço, modo de vida,

¹ Chaveiro e Borges (2015) referem-se ao Cristianismo de roça como uma cartografia de crenças, superstições, festividades, ritos e eventos que ajudaram na formação da mentalidade do sertanejo goiano estruturado na denominada fazenda-roça goiana. “Junta-se a ele, a trama das superstições, que vai desde o medo de assombração, de mula sem cabeça, do lobisomem, do capeta até os recados agourentos da coruja, do gavião sem pena, do sapo. Daí o costume – e a necessidade imperial - de fazer orações quando acorda, quando se toma as refeições, quando se passa por um cruzeiro, ao dormir e nos intervalos de uma boa prosa. Os códigos do cristianismo educam, protegem e fazem unir fazendeiro e camponês, todos sob a mira e sob a proteção do Deus cristão” (CHAVEIRO; BORGES, 2015, p. 460).



classe social e existência são compreendidos num mundo concreto, o mundo do oprimido. O elogio à necessidade e à humildade, diferente do trigo, marca uma preferência política: o que é simples pode ser justo; o que está no altar pode ser injusto.

A seiva ética de um esquema de valores arrolados na origem, nas características e na significação do milho, outorga à oração poética uma marca política e uma interrogação sobre os dispositivos de um regime de crença que se estendeu junto a empresa colonizadora. Mas o poema não nega cabalmente o cristianismo, apenas retorce-o ao que lhe é originário: a simplicidade, a humildade, a compaixão. E esses valores não são interpretados apenas como componentes de uma subjetividade eximida do mundo concreto. O trabalho duro, a alimentação advinda do próprio esforço de trabalho; a moradia simples, a fala terrosa – e todas as características de uma vida ruralizada e de uma espacialidade constituída no trabalho manual – se apresentam como fonte concreta dessa subjetividade lograda além do dinheiro e do comércio. Cora dentro do cristianismo faz a crítica; critica-o, mas não o dispensa como legado de sua experiência cultural. Lazzaretti (2015, p. 88), ao propor uma análise intertextual do poema, explica que,

Deste modo, sob a perspectiva do catolicismo (na qual Cora Coralina foi criada), pode-se dizer que o poema segue a estrutura própria de uma oração, pois se inicia com um ato de humildade, que, segundo Santo Agostinho, é uma disposição necessária para a oração (AGOSTINHO *apud*: CIC, 2000, p. 657). Posteriormente, segue-se um ato de reconhecimento da própria realidade (de seu valor e importância) e o agradecimento a Deus por ter lhe feito “necessário e humilde”. Essa atitude de gratidão a Deus está em consonância com o aspecto religioso (ênfatisado pela alusão a fatos bíblicos) presente na linguagem do poema, e que se apresenta como uma das possibilidades de abordagem intertextual.

Fazer a crítica por dentro, ou seja, não desfazer do mundo objetivo e mental do qual se origina, faz com que a poeta se junte à pessoa: Anninha abraça Cora, uma se constitui da outra. Quando o rico espectro da produção geográfica contemporânea se abre para conectar, interseccionar e aproximar geografia, arte e literatura, o que está posto – nessa abertura de sentido – é a potencialização da palavra, ou a necessidade de superar os vícios do pensamento esquematizado e *sloganizado*.

4 POR UMA AMPLIAÇÃO DA DICÇÃO GEOGRÁFICA

O poema Oração do milho, de Cora Coralina, exige um procedimento de leitura complexo. A forma de linguagem própria do gênero poesia e as categorias que pavimentam o texto poético, a metáfora, os versos, as estrofes, o ritmo, as imagens, são tecidos numa teia invisível. A produção de

sentido do texto poético exige, assim, outra movimentação do pensamento. É esse movimento diferenciado que pode alargar a dicção geográfica, ou, pelo menos, motivar um rasuramento no protocolo academicista que tende a inspirar uma paralisia da imaginação.

O poema de Cora, em toda a sua edificação, responde pelo que é compreendido em Barthes (2001, p. 104): “toda matéria de vida é matéria de contar histórias”. No exemplo do poema de Cora, poder-se-ia dizer: toda matéria de vida é matéria de produzir poesia. Junto a relação entre vida, história e poesia, fica patenteado um pressuposto básico, mediante o qual a geografia brasileira, que se ocupa em enriquecer a leitura do espaço, tem efetivado: qualquer narração produz o mundo, mas o mundo é a substância de qualquer narração.

O legado desse pressuposto aclara o entendimento de que a experiência de sujeito-do-mundo e de sujeito-no-mundo, atravessado por conflitos de classes, de gêneros ou de outro quesito é junto, uma experiência de linguagem tramada espacialmente. Assim sendo, a dimensão espacial da vida (BERDOULAY, 2012; MOREIRA, 2011) suscita uma atenção: dizer é também viver. A vida se consagra no espaço dito, interrogado, narrado, poetizado.

Quando Paul Claval (2008), sintetiza que “aprender geografia é saber como as pessoas vivem”. O que se tem denominado “potência do vivido”, conforme demonstra a riqueza do poema Oração do milho, não se reduz a apenas uma escala espacial. Se a experiência do viver é espacialmente constituída na escala da relação do corpo com o lugar, o espaço é, também, tramado geopoliticamente por esferas de dominação externas. Essas esferas, além da pilhagem territorial (PERPETUA, 2016), da extinção de povos indígenas; do controle de componentes naturais como a água, o minério; da exploração de força do trabalho, agem ideologicamente roubando a palavra, inferiorizando, silenciando as tramas de dominação. A oração do milho é um grito contra esse silenciamento.

No caso específico da ação de saber da geografia o que se conquista é o reconhecimento de que a narrativa geográfica possui uma literariedade, não confundida com a literariedade de um conto, de uma novela, de um romance ou de uma poesia, mas a literariedade própria da linguagem que, ao incidir sobre o objeto, produz a sua imagem e, ao produzir, conduz esse objeto à consciência.

Desta feita, a núpcia entre conceito, experiência e imaginação se traduz numa possibilidade de alargamento de visão geográfica do mundo. É isso que se requer quando se propõe a ler geograficamente o poema de Cora. Intervir na estrutura de narração da geografia e tomar a geografia como uma das formas de narrar, compreende a dimensão espacial e vital da linguagem. Barthes (2001), demonstra isso dizendo que,



Inumeráveis são as narrativas do mundo. É de início uma variedade prodigiosa de gêneros, eles próprios distribuídos em substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para o homem confiar-lhe a sua narrativa: a narrativa pode ter como suporte à linguagem articulada, oral ou escrita, a imagem, fixa ou móvel, o gesto e a mistura ordenada de todas essas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, no quadro pintado (pense-se no Santa Úrsula de Capaccio), nos vitrais, no cinema, nas histórias em quadrinhos, nas notícias de jornal, na conversa. Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não houve em algum lugar povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, e muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo oposta; a narrativa zomba da boa e da má literatura; internacional, trans-histórica, a narrativa está sempre presente, como a vida (BARHES, 2001, p. 103-104).

Como está explicitado nas palavras de Barthes (2001), os dispositivos da linguagem possuem uma força na realização da vida humana, que, sempre e implacavelmente possui ligação com o espaço. Mais que isso: a linguagem é o patrimônio humano para que possa representar o espaço, representar a si e agir (BERDOULAY, 2012). Conforme se leu no poema de Cora, a linguagem é o que se tem para enfrentar e desestabilizar as formas de dominação dos imaginários e das ideologias que se impõem na vida dos sujeitos empobrecidos dos países pobres.

Como foi pontuado, o cultivo da palavra no esmero prodigioso de Cora Coralina, ao fazer o milho bradar contra a dominação e informar a vida dos sujeitos de um tempo do espaço goiano, recoloca as dimensões éticas e políticas para serem abraçadas pela estética. Estética e política ou imagem e vida, num único consórcio, supera o formalismo academicista, a crítica denunciante, o vício burocrático da linguagem corriqueira. A linguagem se abre, abre-se a interpretação do espaço. E o que parece ser mais decisivo é o entendimento de que a batalha da vida é, sempre – e em todos os percursos – uma batalha de linguagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O milho de Cora Coralina, no poema Oração do milho, é situado geograficamente: pertence ao reino ameríndio e, por isso, não pertence aos dominadores: a Europa do trigo. É um milho situado socialmente: está presente na vida de escravos, sitiados, operários, imigrantes. É um milho que acena ao domínio geopolítico, ao domínio de classe e se coloca ao lado dos injustiçados, dos humildes e dos explorados. É um milho regional – diz o lugar como expediente metafórico - mas é

universal porque sublinha o horror do colonialismo. É um milho da dureza do trabalho e das possibilidades de alimentação. É a vida concreta.

O milho – gradiente total de um tipo de vida – é situado historicamente: trata-se de pensar a vida goiana no ordenamento socioespacial da troca simples. E de revelar as dimensões simbólicas tramadas na política dos coronéis; a dureza do trabalho camponês; a moradia simples e a crença religiosa. No estrato dessa vida total, especificada na troca simples, a vida terrosa depende das mãos do trabalho duro para produzir o próprio alimento, a moradia, os caminhos, domesticar os animais.

Esse milho situado social, espacial e historicamente, como componente de uma leitura contemporânea, torna-se dispositivo da memória. A poesia, como de resto todos os gêneros da arte literária, ao incidir com, sobre e pela palavra, faz da vida algo memorizável. A memória de um espaço-tempo, como peça enraizadora da sociabilidade goiana, é, ao mesmo tempo, testemunha e fundamento para se ler a transformação espacial. O milho, emblema do enraizamento goiano, evoca e sinaliza os rumos das transformações espaciais estimuladas pela modernização conservadora.

A vida da poetisa, com a sua experiência e com a sua sensibilidade, ela própria fundada pelos signos de sua composição, exemplifica o veredito valioso de Gabriel García Márquez (2003): viver para contar. A ligação entre vida e poesia, conjunção complexa tal como o sujeito humano, sob a mediação do espaço, traduz o que, a partir do final dos 1970 e com força a partir dos 1990, é uma conquista teórica da geografia brasileira: vislumbrar a dimensão espacial da vida; observar que a experiência humana, ela toda, sofre a mediação ativa do espaço e o espaço é constituído pela experiência humana. Mas a experiência é social e, por isso, invocada numa guerra de poderes.

As reflexões desenvolvidas mediante a proposta de uma leitura geográfica do poema aludido indicam que é da essência e do dever de qualquer campo científico problematizar o seu modo de dizer. Quando Paz (1984) diz que não há mudança no escopo do pensamento sem mudança de linguagem, isso instrui os geógrafos a tecerem uma crítica de linguagem no seu modo de dizer.

Ampliar o léxico geográfico, combater vícios do denunciamento, do academicismo e do formalismo e, especialmente, enriquecer as plataformas de leitura e da percepção do espaço, encontram na literatura uma condição substantiva. O que parece enriquecer esses planos é a junção entre conceito, experiência e imaginação aglutinando geografia e arte. Em se tratando das implicações das sociedades mundializadas e do aceleramento da produção acadêmica, consoante ao que se requer atualmente, a intersecção entre geografia e literatura recoloca os planos da análise; exige da leitura, da reflexão e da percepção geográficas maior acuidade e maior concentração.



A luta contra a esterilidade do pensamento beneficia-se da ampliação de linguagem provocada pela leitura poética. Como se viu no teor fino da composição de Cora Coralina, a poesia é também grito, combate, luta por justiça.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do Sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alex. J. P. (Org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de [Rio de Janeiro, 7 out. 1983]. Carta de Drummond. In: CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 4ª ed. p. 23. 1983.
- AMORIM FILHO, O. Bueno. **A pluralidade da geografia e o papel das abordagens fenomenológicas no fazer geográfico**. Curitiba (PR), UFPR, 2006.
- ARAÚJO, M. Melo & MORAES, A. C. Cora Coralina: memória e representação do eu na construção da consciência social. **Letrônica**, Porto Alegre v. 3, n. 1, p. 345-354, jul. 2010.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BERDOULAY, Vicent. Espaço e cultura. In: CASTRO, Iná Elias et.al. (Org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 101-131.
- BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Sujeito e lugar: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER, Werter. **Qual é o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93-116.
- BERNARDES, Carmo. **Jurubatuba**. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina - Raízes de Aninha**. Editora Ideias & Letras, 2011.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidade**, Rio de Janeiro/RJ, v. 5, n. 1, 2015.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício; BORGES, Júlio, César Pereira. Fazenda-roça goiana: matriz espacial do mundo sertanejo em Goiás. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia/MG, v. 10, n. 20, p. 440-467, jul. 2015.
- CORALINA, Cora. **Oração do Milho**. In: Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.
- CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na Geografia Humana? In: SERPA, A. (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-29.
- CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. Global Editora, 2001.



DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Cora Coralina**: celebração da Volta. Câne Editorial, 2006.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. “Narrativas da terra”: a questão agrária em Goiás na literatura de Bernardo Élis. **REVELLI**, Inhumas/GO, v. 10 n. 2. p. 339 – 357, Junho/2018.

LAZZARETTI, Jildonei. A gratidão do humilde: uma análise do poema Oração do milho de Cora Coralina. **Revista Estudos de Letras**, Cárceres – MT, 2015, p. 82-92.

MARANDOLA Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena B. (Org.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MARQUES, Oswaldino. Cora Coralina – professora de existência. In: CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 2ª ed. Goiânia/GO: Editora da UFG, 1978. p. 01-05.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar**. Rio de Janeiro, Record, 2003.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ORLANDI, Eni, P. Entre letras, o mundo. **ENTREMEIO – Revista de Estudo do discurso**, 2018, p. 219-227.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SUZUKI, J. C. Modernidade, cidade e indivíduo: uma leitura de A Rosa do Povo. **Percursos: Sociedade, Natureza e Cultura**, Curitiba, n. 7, p. 23-33, 2008.

TAHAN, Vicência Bretas. **Cora Coragem, Cora Poesia**. Global Editora, 1989.

Recebido em 04 de Novembro de 2019

Aprovado em 03 de Dezembro de 2019

